

A IGREJA EM TRANSFORMAÇÃO: A REFORMA PROTESTANTE

META

Apresentar os acontecimentos que desencadearam a Reforma Protestante na Europa durante o século XVI.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- enumerar as razões que levaram à Reforma Protestante;
- reconhecer os homens que estiveram envolvidos nas querelas que levaram ao rompimento com o poder papal;
- destacar os caminhos indicados para a salvação daqueles que se convertessem ao protestantismo.

PRÉ-REQUISITOS

Leituras das aulas anteriores. Conhecimentos gerais sobre a institucionalização da Igreja Católica no Medievo.



Cena do filme Lutero, de Eric Till, representando o momento em que Martinho Lutero afixa suas 95 teses sobre a reforma religiosa na porta da Catedral de Wittemberg, em 1517. (Fonte: <http://prayerfoundation.org>).

INTRODUÇÃO

Quem se dispuser a verificar o sentido da palavra “reformatar” em um dicionário como o *Aurélio*, encontrará definições como “formar de novo”, “reconstruir” ou “emendar” e “corrigir”. Por sua vez, o popular *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse* definirá a palavra “reforma” como “nova organização, nova forma com a finalidade de aprimoramento” (LAROUSSE, 2007, p.2217). Por que tais definições são importantes? Pelo fato de que, ao contrário do que aparentemente pode parecer, a Reforma Protestante, tema desta nossa aula, não foi um movimento com objetivos de fracionamento. Muito mais voltado para o sentido radical da palavra, isto é, corrigir, a Reforma buscava superar deficiências de longa data vividas pela Igreja Católica. Os desdobramentos deste processo, experimentado na primeira década do século XVI, levaram a uma separação inesperada entre clérigos e ao surgimento de um novo ramo cristão, os protestantes, divididos em três grandes grupos – luteranos, calvinistas e anglicanos. Vejamos como isto de deu.

Relíquias

Objetos que supostamente pertenceram aos santos como por exemplo dentes, mechas de cabelo e peças de vestuário eram considerados milagrosos. Isso suscita um lucrativo comércio na Europa, principalmente porque a maioria das “relíquias” era forjada.

As diversas crises pelas quais a Europa passou desde a chamada Baixa Idade Média ajudaram a fragilizar o poder clerical. Guerras, fomes, destruição e dificuldades diversas não foram suficientes para que a Igreja reorganizasse sua postura. Há tempos padres, bispos e papas estavam afastados de ideais tipicamente cristãos como a solidariedade, a simplicidade e a honestidade. Em lugar disto, o fausto parecia ser a marca da Igreja Católica. E para manter o luxo, as estratégias eram as mais variadas possíveis, desde a comercialização de cargos eclesiásticos e **relíquias**, até a venda de **indulgências**. Através desta última prática, uma parte ou até a totalidade dos pecados de um fiel poderia ser perdoada a partir de determinadas somas em dinheiro. Evidentemente, muitos fiéis e clérigos demonstravam insatisfação com estas negociações.

Indulgências

Para se livrar do peso dos pecados, os cristãos deveriam confessar e praticar boas obras. A compra de indulgências objetivava diminuir a carga de penitências, garantindo o perdão total.

Mas a Igreja também vivenciava problemas de ordem política. A formação das monarquias nacionais contribuiu para um incipiente sentimento de pertencimento a um Estado, território, língua e governante, próximo e identificado com seu povo. Deste modo, o Papa era uma figura distante. Um líder que, da Itália, enviava seus emissários às terras por ele dominadas apenas para cobrar impostos, arrancar recursos, exaurir finanças, como afirmou Lucien Febvre (1992, p.87). Instigada por esta situação, a autoridade real entrou em atrito com as determinações papais.

Outro aspecto que alimentou uma reorganização da Igreja foi a chegada da burguesia como nova e influente fração social. Cada dia mais importante diante da lógica das monarquias nacionais, os burgueses não encontravam respaldo às suas atividades no discurso da Igreja Católica que, tendo enriquecido dentro de uma lógica feudal, critica severamente a acumulação de dinheiro, os empréstimos a juros, a obtenção de lucro. Tudo

isto era classificado como pecado. Assim, ao enquadrar como pecaminosas as operações básicas na manutenção econômica da burguesia, a Igreja ganhou um poderoso inimigo. O burguês, no século XVI, já representava um grupo diferenciado, dono de um “sentimento de importância social completamente novo, e também de dignidade, independência e autonomia” (FEBVRE, 1992, p.88). A reunião de todos estes fatores estabeleceu um clima de animosidade frente aos dogmas católicos, justamente por sua contraposição ao mundo burguês, às monarquias nacionais e às ideias consideradas fundamentais ao universo cristão. As mudanças oriundas desta insatisfação geraram uma nova configuração do universo religioso, moldados principalmente pela necessidade de se ajustar aos avanços dos interesses burgueses.

Os embates foram liderados por **Matinho Lutero** (1483-1546), monge agostiniano e um dos diversos religiosos influenciados pelo humanismo cristão (ver aula sobre o Renascimento). Era mestre e pregador na Catedral de Wittenberg, na Alemanha. Originário da Saxônia, Lutero não disfarçou sua indignação diante das recorrentes cobranças de impostos pela Igreja.

No início do século XVI, a Alemanha não era um Estado centralizado politicamente. Mesmo com a existência de um imperador, os príncipes possuíam autonomia para resolver problemas em suas terras, decidir pela cunhagem das próprias moedas, cobrar impostos e exigir servidão. Até mesmo saques eram realizados com a anuência de tais nobres. Nas palavras de Lucien Febvre, “não havia um rei na Alemanha, como havia, há muito, um rei da França, um rei da Inglaterra, ricos, bem servidos, prestigiosos, e que sabiam reunir nas horas de crises todas as energias do país ao redor de sua pessoa e de sua dinastia” (FEBVRE, 1992, p.81).

As terras germânicas apresentavam uma curiosa contradição. Apesar da burguesia fragilizada, a Igreja era poderosa e rica. A existência do “caminho do clero”, às margens do Reno, permitia rendimentos consideráveis aos religiosos que, alojados nos altos postos eclesiásticos, agiam como nobres. Contraditoriamente, estes mesmos religiosos atacavam as atividades comerciais dos burgueses. As riquezas da Igreja estavam assentadas em apropriações de terras, servidão e cobranças de impostos, numa típica moldura medieval de captação de recursos. É esta estratégia que começa a se desagregar a partir das polêmicas levantadas por Lutero.

Como isto se deu? Ocorre que o Papa Leão X necessitava de recursos para concluir a basílica de São Pedro. Obra monumental, idealizada por **Júlio II** e **Urbino Bramante**, o templo seria a catedral da cristandade, instalada no centro nervoso do catolicismo. Contudo, os recursos não eram suficientes e Leão X decidiu angariar divisas em terras alemãs. Para tanto, incumbiu o dominicano Tetzl de negociar indulgências naquelas terras, algo que inflamou a revolta de Lutero. Demonstrando sua indignação, o monge afixou 95 teses nas portas de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, através das quais criticava contundentemente a Igreja e o comportamento de seus membros.

**Martinho Lutero****Júlio II**

Foi Papa entre 1503 e 1513. Durante seu pontificado, foi convocado o Concílio de Latrão. Amigo e patrono de Bramante, Rafael e Michelangelo, Júlio II colocou a primeira pedra na nova Basílica de São Pedro.



Urbino Bramante

Um dos arquitetos renascentistas mais conhecidos. Ficou famoso por seu trabalho sobre geometria de desenho de perspectiva e acabou influenciando Michelangelo e Rafael.

As consequências não tardaram a chegar. O Papa exigiu desculpas formais do clérigo e, não sendo obedecido, assinou a excomunhão de Lutero. Explicando a debilidade do poder papal, Lutero queimou publicamente a bula papal contendo a sua excomunhão.

Evidentemente Lutero não adotaria uma posição destas isoladamente. O religioso possuía proteção de Frederico, príncipe da Saxônia. Na Dieta de Worms – instituição que reunia nobres germânicos – o monge reforçou suas críticas ao Papa e foi ouvido. Abrigado no castelo do próprio Frederico, Lutero elaborou uma nova doutrina religiosa, baseada na fé como elemento essencial da salvação. Este ponto se distanciava da perspectiva católica, que atribuía às boas ações peso crucial na redenção. Além disto, as pregações de Martinho passaram a valorizar uma ligação sem maiores intermediários entre os homens e Deus, vinculados pela fé.

Conforme a nova proposta de doutrina cristã, a verdade tinha um itinerário e ele era traçado a partir da palavra de Deus, situada não nos lábios de padres ou papas, mas nas Escrituras. “Na verdadeira religião Deus fala ao homem e o homem fala a Deus em uma linguagem clara, direta, e que todos compreendem”, explicou Lucien Febvre (FEBVRE, 1992, p.90). Conforme Lutero, o exame dos textos bíblicos e a sua interpretação permitiriam aos fiéis as condições de salvação. Ao incentivar a leitura da Bíblia, Lutero compartilhava valores tipicamente humanistas, valorizava o uso das línguas nacionais. Ele mesmo traduziu a Bíblia para o alemão. Este exame será importante e incentivará uma série de novas interpretações sobre as escrituras.

A IGREJA SE TRANSFORMA

As ideias de Martinho Lutero soaram como um sinal para os nobres alemães. Afinal de contas, as propostas de questionamento da autoridade papal, as críticas ao modo de vida clerical, ao demasiado fausto da Igreja, ao



Os grupos religiosos na Europa. Século XVI. Cf. Penguin Atlas of World History, Vol.2. From the French Revolution to the Present. (Fonte: <http://clioemquestao.wordpress.com>).

distanciamento dos religiosos dos mais humildes encontravam ecos nos problemas enfrentados por senhores de terras germânicos. O conflito gerado pela excomunhão do sacerdote da saxônia abriu as brechas para que nobres de diversas partes da Alemanha se lançassem sobre os bens da Igreja Católica, incorporando suas terras, disputando as riquezas de suas propriedades.

Esta situação gerou embates como aquele ocorrido em 1524,

quando principados eclesiásticos foram atacados e nobres católicos resistiram à denominada “Rebelião dos Cavaleiros”. Estas lutas entre senhores fomentaram outras revoltas, algumas levadas adiante por camponeses que pretendiam se livrar dos laços de servidão. Emergiram rebeliões no Centro e no Sul da Alemanha. Entre os líderes dos camponeses, estava Thomas Münzer (1489 ou 1490-1525), inspirado por Lutero e defensor do extermínio da nobreza por seu afastamento dos princípios do Evangelho. Todavia, o próprio Lutero criticou Münzer, não só reprovando suas ideias, como também apoiando a repressão aos camponeses revoltosos.

Curiosamente, o perigo representado pelas revoltas no campo ajudou a selar uma aliança entre líderes católicos e luteranos da nobreza alemã. Como resultado desta solidariedade de acaso, em 1525, um poderoso exército matou Münzer e mais de 100 mil camponeses. Uma vitória que desarticulou as tentativas de inserção dos camponeses nas conquistas produzidas com a Reforma.

GUERRAS RELIGIOSAS

As ideias e a nova doutrina de Lutero ajudaram a inflamar os ânimos dos príncipes alemães contra a Igreja Católica, mas também colocaram em pauta as rivalidades regionais. As tentativas da dinastia Habsburgo em criar um império unificado em um legítimo Estado nacional encontraram forte resistência dos príncipes, interessados em manter seus territórios sob controle. Como a Igreja Católica apoiava os Habsburgos, a maioria dos príncipes se inclinou para as perspectivas luteranas.

O Imperador Carlos V e poderosos nobres católicos uniram forças contra um grupo de príncipes luteranos. Um conflito que só teve fim em 1555, através da assinatura da Paz de Augsburgo. Até mesmo porque Carlos estava ocupado demais combatendo a França e o Império Otomano para deter os príncipes adeptos do protestantismo. Por meio deste documento, cada príncipe poderia estabelecer sua religião nos territórios sob seu controle. A celebração deste acordo colocou fim ao conflito, porém manteve a Alemanha desagregada em diversos Estados e ajudou a adiar em muitos anos a sua centralização política, concretizada apenas no século XIX.

A REFORMA SE EXPANDE PELA EUROPA: OS CASOS DA FRANÇA E DA INGLATERRA

Se o personagem que centralizou as atenções nas terras alemãs foi Martinho Lutero, a Reforma Protestante na França foi encabeçada por **João Calvino** (ou Jean Calvin, 1509-1564). Nascido em Noyon, filho de pequenos burgueses, Calvino estudou Direito na Universidade de Paris. Por volta de 1531, aproximou-se e adotou as ideias protestantes. Abraçando



João Calvino



João Knox

Religioso escocês, Knox declarou-se protestante em 1545. Adotou a doutrina calvinista. O religioso viajou à Escócia entre 1555 e 1556. Nesse interim se impenhou em alimentar o novo movimento que culminaria na rebelião contra a França e Roma.



Henrique VIII

esta nova perspectiva religiosa, fazendo dela a sua doutrina, João Calvino foi perseguido e viu-se obrigado a deixar Paris. Buscou proteção na Suíça, naqueles tempos território do Sacro Império Germânico. Chegou à Basileia, cidade situada no noroeste suíço, na fronteira daquele país com a Alemanha e a França. A região, com forte presença de comerciantes, era um cenário propício para a difusão das ideias protestantes. Ali, em 1536, Calvino publicou sua obra mais conhecida, o livro que sintetizava sua proposta de doutrina protestante: *A Instituição da Religião Cristã*. No mesmo período, o religioso mudou-se para Genebra, cidade em que moraria até a sua morte.

Mas o que trazia o calvinismo como doutrina? Embora apresente características muito semelhantes ao luteranismo, a perspectiva estabelecida por Calvino possui diferenças fundamentais e até mesmo radicais. Se Lutero afirmava que a salvação vinha pela fé, Calvino ia além, afirmando que a salvação não dependia exclusivamente dos homens, mas do próprio Deus, que conferiu tamanha graça a alguns. No que se refere ao culto, percebe-se uma simplificação considerável do ritual: as cerimônias passam a envolver basicamente os comentários das Escrituras (base de toda a crença calvinista), sem adoção de imagens. As ideias de Calvino ganharam espaço também na Holanda, e na Escócia, país em que motivações políticas foram mais do que suficientes para que **João Knox** (1514-1572) a introduzisse por lá, e na Inglaterra. Nesta última, as mudanças misturaram fatores políticos, familiares, econômicos e pessoais.

Católico e desejoso por um filho, **Henrique VIII** (1457-1509) solicitou a anulação do seu casamento com Catarina de Aragão. A ideia dele era, livre daquele compromisso, casar-se novamente com Ana Bolena. Porém, o Papa não autorizou a anulação. O descontentamento do soberano inglês com a postura do líder da Igreja foi o catalisador de tensões envolvendo o Papado e a Coroa britânica. A partir disto, motivações pessoais (casamento do rei, o seu desejo por um herdeiro), econômicas (a pretensão da nobreza, cada vez mais identificada com a lógica mercantil, em tomar terras da Igreja), políticas (subjugar a Igreja ao Estado) se confundem e dão como resultado, em 1534, através do Ato de Supremacia, a Igreja Anglicana, instituição nacional, sem proceder maiores alterações no culto.

A doutrina foi então se adaptando, sendo desenvolvida após as turbulências iniciais provocadas por rupturas da magnitude de um cisma religioso. Anos depois, em 1549, coube a Eduardo VI, filho de Henrique VIII, estabelecer novas normatizações como o *Livro de Orações Comuns*, obra escrita em inglês. Pouco tempo depois, em 1553, o mesmo soberano autorizou o casamento dos padres.

Mas foi sob o reinado de **Elizabeth I** (1558-1603) que a “Reforma Anglicana” se consolidou. Através da *Lei dos 39 artigos* adotava-se o calvinismo, conservando a hierarquia episcopal e parte do cerimonial católico. O anglicanismo passava, deste modo, a possuir um conteúdo marcadamente

protestante (calvinista) ao mesmo tempo em que mantinha a formatação católica inicial. Observam-se, portanto, elementos que permanecem e traços que se alteram nesta nova doutrina. Nova religião, adequada aos interesses mercantis, sintonizada com as ambições de reis e príncipes.



Rainha Elizabeth I.
(Fonte: <http://www.iamthewitness.com>).

CONCLUSÃO

E assim, chegando à França, Inglaterra, Alemanha, aos Países Baixos, a Reforma Protestante se consolidou. Iniciada sem maiores pretensões, ela cindiu a Igreja Católica de forma inédita e irreversível. Luteranos, calvinistas, anglicanos e huguenotes se espalharam pelo mundo. O surgimento da nova doutrina, professada por homens como Lutero e Calvino, funcionou como uma alternativa viável a nobres e burgueses. Os primeiros estavam interessados em se apossar de terras e propriedades do Clero, enquanto para banqueiros, mercadores e outros negociantes a nova religião era um meio seguro de aliar os anseios terrenos aos desígnios divinos. Com o protestantismo, lucrar deixou de ser um pecado e tornou-se um sinal de benção divina. Depois das teses em Wittenberg, o século XVI, que já havia ganhado um novo continente e um novo mar, ganhou também uma nova religião.



RESUMO

A Reforma Protestante compreendeu um movimento surgido no século XVI que quebrou a hegemonia da Igreja Católica, dividindo os cristãos em dois grandes grupos. De um lado, os católicos, do outro, os protestantes (subdivididos em luteranos, calvinistas e anglicanos). Essa ruptura se inicia na Alemanha com Martinho Lutero, mas as novas ideias sobre o papel da Igreja Católica se espalham por todo o continente. Interesses religiosos, mas principalmente políticos e econômicos impulsionaram a Reforma Protestante, que abala o poder do catolicismo no mundo.



ATIVIDADES

1. Assista ao filme *A Rainha Margot* (França, 1994. 136 min) e descreva as cenas em que aparecem os embates entre a fé católica e a protestante. Em seguida utilize as informações desta aula para criticar as cenas elencadas, buscando confrontar as informações da aula com a fala dos personagens. Aponte onde os dois discursos (aula e filme) se aproximam e distanciam.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Durante o Início da Idade Moderna, uma série de mudanças abala a credibilidade da doutrina católica. No filme *Rainha Margot* é possível evidenciar o esforço em estabelecer alianças entre católicos e protestantes visando encerrar conflitos religiosos e assegurar possibilidades de desenvolvimento do poder real.

AUTOAVALIAÇÃO

Esta atividade exigirá que o aluno explore o filme como um meio através do qual se pode aprender e ensinar história. No entanto, ao ser obrigado a relacionar a fala dos personagens com a aula apresentada aqui, ele irá perceber que o filme é rico, mas não é suficiente. Ele, como professor, precisa buscar outras formas de produção do conhecimento.



FILMOGRAFIA INDICADA

SCHREWE, Christoph. *O Conclave*. Canadá, 2006. 99min. Sinopse: O filme aborda a participação de Rodrigo Borgia (Manu Fullola), então com 27 anos, no Conclave (“cum clave”) realizado em 1458, cinco anos depois da queda de Constantinopla. Desta reunião para escolher um novo papa e, assim, determinar os rumos da cristandade participaram dezoito cardeais. Observações: O filme aborda a história de Rodrigo Borgia, jovem Cardeal nascido na Espanha, em 1431, que anos depois, seria eleito o Papa Alexandre VI (1492-1503). Ele apresenta discussões bastante pertinentes sobre os negócios em torno dos cargos eclesiásticos e as disputas que abririam caminho para as reformas religiosas. A película apresenta humanizada do universo religioso, situando a sucessão papal como um processo principalmente político e comercial.



Capa do DVD do filme *O Conclave*.
(Fonte: <http://www.impawards.com>).

REFERÊNCIAS

- BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo, MARQUES, Adhemar. As Reformas. In: *História Moderna através de textos*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção textos e documentos, 3).p.103-129.
- Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja Larousse. São Paulo: Editora Abril, 2006.
- FALCON, Francisco José Calazans, RODRIGUES, Antônio Edmilson M. Rodrigues. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FEBVRE, Lucien. A Alemanha de 1517 e Lutero. In: *História*. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. SP:Ática, 1992